



Fernando Pedrosa afirma que para vencer a guerra contra o *Aedes* é preciso sair da condição de 'derrotados' e fazer investimentos

**AÇÃO.** Infectologista cobra condições político-sanitárias para trabalho

## Médico aponta erros na batalha contra mosquito

Especialista defende foco na erradicação do *Aedes aegypti*

NIVIANE RODRIGUES  
REPORTER

O médico infectologista e professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) Fernando Pedrosa não tem dúvida: é preciso montar uma força-tarefa de combate ao *Aedes aegypti* semelhante à que foi estabelecida por Oswaldo Cruz nos idos do início do século 20, quando um batalhão de agentes de saúde foi às ruas e, de casa em casa, conseguiu erradicar a febre amarela urbana.

"À época existia uma quantidade de pessoas proporcionalmente muito maior do que temos ho-

je trabalhando no combate ao mosquito", ele diz, ao apontar para a necessidade de se investir com urgência em recursos humanos. "Acho que houve um erro muito grande na estratégia de combate nesses últimos anos. Quando se diz que o *Aedes* veio para ficar e a gente não vai conseguir erradicar, isso é muito negativista", diz e faz a crítica.

"Acredito que nós devíamos era pensar com o objetivo final de erradicar o *Aedes aegypti*. No momento que eu digo que não vou cumprir essa missão, obviamente que ela não vai acontecer nunca, porque existe a questão de estima, de acreditar. Se a gente como gestor de saúde já vai para a imprensa dizer que nós vamos conviver com o *Aedes* sempre, estamos nos colocando numa posição de derrotados. Der-

rotados para um mosquito, porque, enquanto ele estiver presente na sociedade, nós vamos ter essas epidemias porque há uma oscilação da presença dele muito grande, relacionada com um combate a mais ou a menos", afirma.

Ele entende que no período em que se deram as ações contra a febre amarela, o número de habitantes no País era bem menor, o que favorecia o trabalho. Mas destaca que as ações ganharam força porque encontraram condições político-sanitárias para se trabalhar, permitindo, por exemplo, que os agentes invadissem domicílios se as pessoas não abrissem a porta para a realização do trabalho.

"Hoje isso não acontece porque a legislação não permite. Porém, seria necessário um projeto de lei

que garantisse as equipes de saúde adentrarem residências que não se permita e naquelas abandonadas também, onde estão os maiores focos do mosquito, residências e áreas de construção. A Ponta Verde e a Pajuçara são focos importantes de *Aedes*. É preciso ação", alerta o médico.

Para o infectologista Fernando Pedrosa, o mosquito não se fortaleceu. O que aconteceu é que os criadouros não foram combatidos. "Ele vai se adaptando. Todos nós estamos aqui para sobreviver e nos adaptamos às situações mais difíceis, e o *Aedes* é muito 'competente'. Para sobreviver, tem usado os mais diversos tipos de criadouros. Onde tiver água, pode ser um potencial criadouro, até mesmo nas águas que são contaminadas", ele diz.

### Ação deve ser sistemática e persistente

A saída para erradicar o mosquito transmissor de doenças como a dengue, a chikungunya e o zika vírus, afirma o médico, é entrarmos num combate "sistemático, persistente, contínuo". Fernando Pedrosa aponta mais um problema nessa guerra contra o mosquito: o processo de municipalização da saúde.

"A municipalização gera alguma dificuldade. Por quê? Se a ação não é nacional, e tem município que cuida e município que não cuida, aí, do que adianta? Por exemplo: município A combate rigorosamente o mosquito e, a dez quilômetros, está o município B, onde pouca importância se dá à ação. O processo de colonização do mosquito é extremamente rápido. As pessoas se deslocam muito dentro das cidades, entre estados e países, a possibilidade dele [o *Aedes*] ser transportado de um canto para outro é muito grande. Então, o combate tem que ser igual em todos os locais", diz.

Para agravar a situação, o médico afirma que há problemas ligados à mão de obra disponível para erradicação desse combate sistemático ao mosquito. "São poucos funcionários que fazem a guerra ao mosquito, existem ainda os problemas trabalhistas, proteção política àqueles que fazem o combate. O município faz um concurso e às vezes o concursado é uma pessoa de nível superior que não quer estar

batendo de porta em porta para combater o inseto. Sempre encontra uma forma, através de seus representantes, de ficar à disposição de um outro órgão. O município já tem poucos agentes e parte deles é beneficiada com sua lotação em atividades diferentes daquela para a qual foi preparado, então o município não pode contratar outra pessoa, substituir o servidor para fazer esse trabalho que é bater de porta em porta; entrar de casa em casa. Fica difícil", lamenta.

O médico afirma ainda que não se pode deixar uma brecha para a proliferação do transmissor. "O trabalho tem que ser permanente. Temos que nos valer de nossas escolas, preparar nossas crianças, adolescentes, para que eles atuem em suas casas como agentes".

Conforme Fernando Pedrosa, é preciso combater os criadouros. Ele fala sobre o que chama de ineficiência do carro fumacê, tão propalado em um passado recente. "Combater a forma alada dá visibilidade, mas não dá efetividade", ressalta.

O médico alerta também para a necessidade de investimentos por parte dos governos e diz que "o que se está investindo em saúde é muito pouco para aquilo que a gente espera deles. A gente vive beirando, inclusive, a possibilidade de ter a febre amarela urbana de volta". NR

# FATOS & NOTÍCIAS

fatosenoticias@gazetaweb.com

## **UFAL**

A Ufal publicou edital para seleção de 11 professores substitutos e cadastro reserva para os campi A.C. Simões, em Maceió, Arapiraca e do Sertão. O período de inscrições será de 28 de dezembro deste ano a 6 de janeiro de 2016, com taxa de R\$ 90. Os professores substitutos são contratados por tempo determinado para atender à necessidade.

## **UFAL 2**

A Ufal informa que estão abertas as inscrições para o curso de doutorado em Materiais. Os interessados devem ficar atentos ao prazo de inscrição, que segue até dia 20 de janeiro, realizadas na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Materiais, no prédio do Ctec, no Campus A.C. Simões, em Maceió. Mais informações no telefone 3214-1276

